

economia popular solidária
indicadores para a sustentabilidade

© dos autores
1ª edição 2012

Direitos reservados desta edição: Tomo Editorial Ltda.

A Tomo Editorial publica de acordo com suas linhas e conselho editoriais que podem ser conhecidos em www.tomoeditorial.com.br

Editor

João Carneiro

Revisão

Press Revisão

Capa

Atelier @Arte

Diagramação

Krishna Chiminazzo Predebon

Tomo Editorial

CTP, impressão e acabamento

Gráfica Editora Pallotti, Santa Maria, RS

E19 Economia popular solidária: indicadores para a sustentabilidade /
Organizado por Gabriel Kraychete e Patrícia Carvalho. –
Porto Alegre : Tomo Editorial, 2012.
152 p.

ISBN 978-85-86225-69-7

1. Economia popular. 2. Sustentabilidade. I. Kraychete, Gabriel.
II. Carvalho, Patrícia. III. Título.

CDU 334

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

economia popular solidária

indicadores para a sustentabilidade

Organizadores:

Gabriel Kraychete

Patrícia Carvalho

Porto Alegre, 2012

UCSAL
UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DO SALVADOR

TOMO
EDITORIAL

Sumário

Apresentação	
<i>Valmor Schiochet</i>	7
Introdução	
<i>Gabriel Kraychete e Patrícia Carvalho</i>	9
Economia popular solidária: indicadores para qual sustentabilidade?	
<i>Gabriel Kraychete</i>	15
Indicadores para a sustentabilidade em economia solidária: uma questão de utilidade social	
<i>Genauto Carvalho de França Filho</i>	27
Indicadores de sustentabilidade e desenvolvimento	
<i>Angela Schwengber</i>	35
Parâmetros para a construção de indicadores	
<i>Renato Dagnino</i>	55
A experiência da CAMAPET e a construção de indicadores	
<i>Joilson Santos Santana</i>	73
A contribuição da COOPERCUC para pensar indicadores de sustentabilidade	
<i>Valdivino Rodrigues de Souza</i>	77
Indicadores para sustentabilidade a partir da favela	
<i>Joaquim Melo</i>	81
Algumas notas de problematização para a construção de sistemas de indicadores de avaliação e monitoramento de experiências de economia solidária	
<i>Rosana de Freitas Boullosa</i>	85
Indicadores de sustentabilidade ecológica: aprendendo com a teia da vida	
<i>Maria Suzana Moura e Ian de Castro</i>	93
Sustentabilidade dos Empreendimentos Econômicos Solidários: desafios da construção de indicadores	
<i>Roberto Marinho Alves da Silva</i>	111

Indicadores para uma sustentabilidade plural: experiência do Governo da Bahia	
<i>Ludmila Meira</i>	117
Construção de Indicadores: um olhar de uma instituição de fomento à ciência e tecnologia	
<i>Elias Ramos de Souza</i>	123
Indicadores sociais, desejo e felicidade	
<i>Vitor de Athayde Couto</i>	127
A participação social dos atores da Economia Solidária na construção de indicadores: para quem e para quê?	
<i>Francisco José Carvalho Mazzeu</i>	137
Os autores	149

Apresentação

*Valmor Schiochet**

Podemos considerar que a dimensão histórica e concreta da economia solidária é parte da humanidade e da sociedade brasileira desde suas origens. Mas enquanto expressão dos movimentos populares e do processo democrático contraposto ao autoritarismo e ao modelo neoliberal, é um fenômeno contemporâneo cujas possibilidades de futuro estão ainda em aberto. A economia solidária foi se afirmando como uma opção organizativa alternativa à crise do final do século passado por meio da autogestão, da organização coletiva e da solidariedade enquanto bases para a construção de uma nova forma societária.

Estamos em um novo contexto contraditório de crises e expansões da lógica do capital. No caso brasileiro, uma expansão sustentada em políticas voltadas para o fortalecimento do mercado interno e do consumo de massas com a consequente inclusão das pessoas no mercado de trabalho (emprego formal) e no mercado consumidor. Nesse contexto, a economia solidária poderá deixar de ser uma alternativa mais geral da classe trabalhadora perante a crise para tornar-se uma alternativa mais específica para determinadas camadas da população (embora ainda amplas). Situações sociais que envolvem os mais pobres ou vulneráveis que, juntamente com as experiências advindas das décadas anteriores, vão configurando a possibilidade concreta da economia solidária para o desenvolvimento solidário em nossa sociedade.

Na medida em que deixa de ser simplesmente uma alternativa à crise, a economia solidária vai se afirmando econômica, política e culturalmente como uma opção de crescentes setores da sociedade.

A questão dos indicadores de sustentabilidade ganha importância estratégica, pois o maior desafio é a configuração de elementos que nos permitem olhar para a realidade e observar nela, nas suas contradições e fissuras da lógica dominante, dimensões de uma nova realidade. Nova não enquanto resquício do passado, mas enquanto potencialidade de futuro também contido no passado negado pela lógica dominante. Não como determinação, mas enquanto campo de possibilidades que ampliam as opções humanas para escolher as bases de um futuro mais adequado aos valores e expectativas humanas.

Uma realidade instituidora de uma nova realidade exige sinalizações e indicações que não refletem apenas a realidade dominante existente ou sua antítese. Exige a criatividade de perceber que o “novo nasce do velho”, mas já não se

* Diretor de Estudos e Divulgação da SENAES/MTE.

conforma nos limites da realidade dada. Novas indicações são construídas com a realidade nova que vai se constituindo.

Teoricamente, podemos fragmentar a realidade e afirmar que se trata de opções distintas: indicadores de competitividade (os quais permitem ver a capacidade que a economia solidária tem de competir com empresas capitalistas) ou indicadores de solidariedade (que possibilitam identificar a economia solidária nos elementos negadores da competição e afirmação de outros valores societários).

Na prática, a realidade é mais complexa e exige de todos/as sujeitos da economia solidária que a opção pela autogestão, cooperação e solidariedade se afirme como uma outra economia que promove um outro tipo de desenvolvimento, mas o faz nos limites das circunstâncias da realidade social mais geral.

Intelectuais militantes, militantes intelectuais reunidos em Salvador/BA proporcionaram relevantes contribuições sobre a problemática dos indicadores na economia solidária. Possibilitar que um público mais amplo tome conhecimento dessas contribuições é fundamental para o fortalecimento da perspectiva crítica que, certamente, faz parte da própria trajetória histórica da economia solidária.

Afinal, a radicalidade da democracia exige a radicalidade da crítica, mas da crítica prática, isto é, daquela crítica que dialoga concretamente com as possibilidades do instituído instituinte do novo.

Introdução

Gabriel Kraychete
Patrícia Carvalho

Esta publicação resulta do Seminário *Economia Popular Solidária: indicadores para a sustentabilidade*, realizado em Salvador, nos dias 02 e 03 de dezembro de 2010. As intervenções, depois de transcritas, foram transformadas em textos pelos respectivos autores¹, em um ensejo de colaborar com reflexões e referências sobre a construção de parâmetros de avaliação ou projeção dos empreendimentos da economia popular solidária.

O Seminário sobre indicadores foi uma iniciativa da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Católica do Salvador – ITCP UCSal –, que completa, assim, uma trilogia de seminários, debatendo questões de relevância marcante para o campo da economia popular solidária. No primeiro seminário – *Economia dos Setores Populares: entre a realidade e a utopia* –, em 1999, a indagação motivadora girava em torno do cenário presente e futuro da economia dos setores populares face às transformações do capitalismo, que apontavam para um recrudescimento da exclusão social. Este Seminário reuniu, de forma pioneira, pesquisadores e pessoas vinculadas às organizações econômicas populares de vários estados do país. Lá estavam, entre outros, Paul Singer, José Luis Coraggio, Marcos Arruda, Luís Inácio Gaiger, Francisco de Oliveira, José Luís Fiori e Luiz Alberto G. de Souza.

Em 2006, no segundo seminário, em um contexto de maior visibilidade para a economia popular solidária, a intenção foi analisar as questões concernentes à sustentabilidade, refletindo, também, sobre o processo de formação dos atores envolvidos, no sentido de compreender os significados e as contradições presentes na prática social. Nos sete anos que separaram o primeiro seminário do segundo – *Economia dos Setores Populares: sustentabilidade e estratégias de formação*² –, ocorreram mudanças significativas no contexto da economia solidária, inclusive com a criação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária e da Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES –, vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego – MTE.

Neste terceiro encontro, o objetivo foi promover um debate conceitual e metodológico que contribuísse para uma concepção de indicadores adequados à sustentabilidade dos empreendimentos econômicos solidários. O percurso da nossa

1 Os textos mantêm o tom informal próprio de uma exposição oral.

2 Os resultados desses dois seminários foram publicados sob a forma de livro. O primeiro, pela Editora Vozes (2000) e, o segundo, pela Oikos (2007).

reflexão, assim, abrangeu a economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia; a sua sustentabilidade e estratégias de formação, chegando à discussão dos indicadores para a sustentabilidade da economia popular solidária.

Do ponto de vista teórico e prático, acreditamos que, em um país como o Brasil, a discussão conceitual da economia dos setores populares permite a percepção de uma realidade mais extensa e complexa do que aquela circunscrita aos empreendimentos associativos denominados de empreendimentos solidários, e amplia as possibilidades de formulação de políticas públicas inovadoras. Assim, a referência à economia dos setores populares constitui-se em um fio condutor que perpassa a organização dos temas abordados nos três seminários.

Quando falamos em economia solidária, de qual economia estamos falando? Há que reconhecer que, ainda hoje, o termo suscita controvérsias e indagações. Em geral, entende-se por economia solidária as atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito organizadas sob a forma de autogestão. Estariam incluídas no campo da economia solidária iniciativas como as associações e cooperativas de trabalhadores, empresas autogestionárias, finanças solidárias, os clubes de trocas e o comércio justo. Por suas características, os empreendimentos da economia solidária seriam pautados pelas relações de cooperação, justiça e solidariedade.

Pode-se dizer que a busca de definição conceitual da economia solidária revela um esforço de sistematização e elaboração teórica, mas também expressa utopias. Em certa medida, as definições conceituais da economia solidária reportam-se mais a um ponto de chegada do que a uma realidade tal qual existe hoje. Nestes termos, o conceito revela o que se procura, deseja, ou projeta como valores e práticas concernentes a uma economia e sociedade a serem construídas. Se for assim, como pensar os indicadores que contribuam para a sustentabilidade dessa economia? É nessa indagação que se elucida a razão de ser do título do seminário que deu origem ao presente livro – *Economia Popular Solidária: indicadores para a sustentabilidade*. Ou seja, as definições de economia solidária carregam algo de projeção e de desejo sobre o tipo de economia e de sociedade que se pretende construir. Entretanto, como destaca Gabriel Kraychete em *Indicadores para qual sustentabilidade*, os indicadores também não são neutros, mas servem a determinados objetivos. Não apenas captam um aspecto de uma determinada realidade, mas também conferem um sentido, uma direção e um significado às ações e aos desejos, balizam e sancionam metas e avaliações. “Todo indicador subordina-se a um objetivo social. Escolher indicadores pressupõe uma escolha entre concepções do que é bom e desejável para o ser humano. Não é uma escolha apenas técnica ou econômica, mas, essencialmente, ética e política.”

Rosana Boullosa, em *Algumas notas de problematização para a construção de sistemas de indicadores de avaliação e monitoramento de experiências de economia solidária*, problematiza o indicador como um construto interpretativo carregado de valores, um dos quais é a própria compreensão da realidade na qual se debruça.

Observa que a “natureza do indicador é subjetiva, porque é carregada de valores avaliativos, extensões das nossas crenças e verdades pessoais e coletivas”. Além disso, “o indicador busca orientar o nosso olhar para um futuro esperado, para um padrão construído como desejado, como possível de ser alcançado, também calcado em valores”.

Ângela Schwengber, em *Indicadores de Sustentabilidade e Desenvolvimento*, observa que a economia solidária é apresentada como uma estratégia de desenvolvimento e que a discussão sobre a sustentabilidade dessa economia pressupõe uma discussão sobre o desenvolvimento. E indaga sobre a estratégia da economia solidária ante as oportunidades geradas por uma economia que voltou a crescer.

Nesse passo, é interessante observar que Renato Dagnino, em *Parâmetros para construção de indicadores*, ressalta que, no Brasil, o emprego formal corresponde a menos de 50% da população ocupada. E, ao contrário do que ocorreu nas economias capitalistas centrais, esse grande contingente de excluídos (os situados na economia informal ou pré-capitalista) não será absorvido pelo mercado formal de trabalho, como reza a teoria do desenvolvimento econômico que aprendemos.

Em um país como o Brasil, é preciso indagar sobre a situação de milhões de pessoas que vivem em ocupações precárias e, sobretudo, do trabalho realizado de forma individual ou familiar. Se é verdade que o emprego assalariado regular tem uma abrangência restrita e se o discurso da empregabilidade³ constitui-se em uma miragem, o futuro dessas pessoas, agora, seria a chamada economia solidária? A abordagem dessa indagação, com diferentes nuances, é desenvolvida nos textos de Ângela Schwengber, Gabriel Kraychete e de Renato Dagnino. E, nesse passo, retoma-se a relação entre a economia dos setores populares e as condições de sustentabilidade dos empreendimentos associativos ou da economia solidária.

A busca de respostas para essa indagação é complementada por outras questões colocadas por Joilson Santana, da CAMAPET: que pessoas – homens e mulheres – compõem o empreendimento e fazem parte do grupo? Quem são essas pessoas? De onde elas vêm? Se essas pessoas permanecem e por que elas permanecem? Ou, nas palavras de Ângela, para sabermos o que significa o êxito dos empreendimentos associativos, temos que entender quais as motivações e as expectativas das pessoas quando decidem participar desses empreendimentos. Como identificar essas motivações e expectativas?

Vitor de Athayde, em *Indicadores sociais, desejo e felicidade*, referindo-se à realidade dos agricultores familiares, destaca que essa realidade não é compreendida através de modelos tradicionais, da lógica do mercado ou do cálculo econômico convencional. E fornece indicações valiosas para conseguirmos descobrir e compreender o que se passa nessa realidade.

3 A partir da década de 1990, diante das possibilidades cada vez mais fugidias do emprego regular assalariado, uma certa visão, compatível com a crença ultraliberal, propõe aos desgarrados do mercado formal de trabalho que adquiram uma tal de empregabilidade; que montem os seus próprios empreendimentos, transformando-se em empresários de si mesmos.

Os textos de Francisco Mazzeu e Vitor de Athayde discutem a participação social na construção de indicadores. Mazzeu realça que um pressuposto básico da construção de indicadores é que os trabalhadores solidários sejam os protagonistas dessa construção. Vitor também apresenta reflexões bastante instigantes sobre o processo de construção de indicadores, tendo por pressuposto a participação, a linguagem e as variáveis consideradas importantes pelos próprios interessados.

Genauto França enfatiza que avaliar a sustentabilidade nas práticas de economia solidária significa compreender e mensurar a utilidade social ou utilidade ecológica de tais práticas. Isso pressupõe rever a “ideia do que seja sustentabilidade, permitindo desconstruir sua identificação estreita com a noção de viabilidade econômico-financeira”. Suzana Moura e Ian de Castro abordam os indicadores de sustentabilidade no contexto da economia solidária, trilhando um caminho de reconexão com a Natureza através do diálogo entre a economia solidária e a Teoria dos Sistemas Vivos.

Os textos de Valdivino Rodrigues, da COOPERCUC – BA, Joaquim Melo, do Banco Palmas – CE, e Joilson Santana, da CAMAPET – BA, analisam a construção e o uso de indicadores tendo por referência o olhar dos empreendimentos dos quais participam.

Roberto Marinho (SENAES), Ludmila Meira (Superintendência de Economia Solidária da SETRE – BA), e Elias Ramos (então Diretor de Inovação da FAPESB) analisam a construção e o uso de indicadores através de um olhar das instituições de apoio e fomento aos empreendimentos da economia solidária.

Assim como aconteceu nos seminários anteriores, as parcerias constituídas foram fundamentais e indispensáveis. Para a realização dos dois primeiros seminários, trabalhamos conjuntamente com as ONGs Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa – CAPINA – e com a Coordenadoria Ecu-mênica de Serviços – CESE. Já para este terceiro seminário, contamos com a participação da Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal da Bahia – ITES UFBA –, com a parceria da Rede de ITCPs do Nordeste e das incubadoras da Universidade Federal do Recôncavo e Universidade do Estado da Bahia – INCUBA UFRB e INCUBA UNEB –, vinculadas à Rede UNITRABALHO. Além das universidades, a realização do Seminário contou com a parceria de duas ONGs, com as quais a ITCP UCSal desenvolve uma antiga relação de cooperação: a CESE e o ELO – Ligação e Organização.

Contamos, ainda, com o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP –, Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES –, Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte – SETRE –, e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB –, a qual também apoia o financiamento desta publicação.

A equipe de coordenação do seminário foi formada por Gabriel Kraychete e Patrícia Carvalho, pela ITCP UCSal, e Genauto França, pela ITES UFBA. Como

secretaria e suporte operacional, colaboraram as equipes de técnicos e estagiários das duas incubadoras, destacando-se Anne Sena, Débora do Nascimento, Eugênia Maia e Xico Mariano. Pela incubadora da UFRB e da UNEB, tivemos o apoio generoso das professoras Tatiana Velloso e Ronalda Barreto, respectivamente. Elsa Sousa Kraychete (UFBA), Débora Nunes (UNIFACS), Augusto Santiago (CESE) e Alex Cipriano (IFBA) coordenaram os debates das mesas temáticas.

Durante os dois dias de dezembro de 2010, representantes de organizações econômicas populares, técnicos de ONGs e de órgãos governamentais participaram das sessões do Seminário. A essas pessoas dirigimos, em primeiro lugar, os nossos agradecimentos. Agora, com o intuito de oportunizar a socialização das reflexões feitas para um público maior, tal como aconteceu em 2000 e 2007, estamos publicando mais este livro.

Agradecemos o apoio da FAPESB e da SETRE, que viabilizaram a publicação deste livro e, igualmente, reiteramos os nossos agradecimentos à Reitoria e Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação da UCSal pelo amplo apoio oferecido. Estendemos, ainda, a nossa gratidão, com muito carinho, à CESE pela relação de confiança e ao ELO, na figura de Fátima Nascimento, pela forte colaboração.

Por fim, queremos manifestar um agradecimento especial a Marize Pitta por se dispor, mais uma vez, a realizar uma primeira revisão dos textos, às organizações econômicas populares por nos permitir compartilhar o cotidiano do labor e à nossa querida equipe de trabalho da ITCP – Anne, Xico, Juliana e Maria.